

## **COTIDIANO E VIOLÊNCIA: A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO SUBSISTEMA NA SOCIEDADE DE CONSUMO DIRIGIDO**

### **Violence and daily life: The spectacularization of violence as a subsystem in the consumer society directed**

Risaldo Lima Duarte  
Mestrando em Geografia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.  
[limaduarte75@gmail.com](mailto:limaduarte75@gmail.com)

Amélia Regina Batista Nogueira  
Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da  
Universidade Federal do Amazonas – UFAM.  
[ab.nogueira@uol.com](mailto:ab.nogueira@uol.com)

**RESUMO:** O cotidiano não deve ser compreendido como um sistema único, ele é formado por um conjunto de sistemas ou subsistemas como a moda, a cozinha, o automóvel, a sexualidade, o erotismo e o turismo. Portanto, a violência e o espetáculo que se faz dos atos violentos se constitui um subsistema? A partir desse questionamento, esse trabalho busca discutir a ideia de que a espetacularização da violência presente no cotidiano pode ser considerada como um desses subsistemas. Trata-se de uma discussão teórica acerca da violência estabelecida no cotidiano, em que os atos violentos são consumidos em forma de espetáculo. Os objetivos desse texto foram: compreender a espetacularização da violência como um subsistema; entender a violência como mercadoria e apresentar as condições necessárias para estabelecer essa espetacularização com um subsistema. O estudo apontou aspectos que revelam o consumo direcionado ao uso de atos violentos como uma mercadoria espetacular, capaz de definir a espetacularização da violência como um subsistema dentro da sociedade burocrática de consumo dirigido.

**Palavras-chave:** Cotidiano; Violência; Consumo; Espetáculo.

**ABSTRACT:** The daily life should not be understood as a single system, it is formed by a set of systems or subsystems like fashion, the kitchen, the automobile, sexuality, eroticism and tourism. Therefore, the violence and the spectacle that makes violent acts constitutes a subsystem? From this questioning, this work seeks to discuss the idea that a Rejoinder of violence present in daily life can be considered as one of those subsystems. It is a theoretical discussion about the violence in daily life, in which violent acts are consumed in the form of show. The objectives of this text were: understand the spectacularization of violence as a subsystem; understand the violence as merchandise and provide the conditions necessary to establish that a Rejoinder with a subsystem. The study pointed out that reveal the consumption aspects directed to the use of violent acts as a spectacular merchandise, able to set the spectacularization of violence as a subsystem within the bureaucratic society of consumption driven.

**Keywords:** Violence; Daily life; Consumer; Show.

## INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente em uma sociedade considerada industrial, urbana, consumista e tecnicista. Lefebvre (1991) analisou algumas dessas definições, destacando e contestando os elementos que fortalecem cada uma delas, em seguida formulou sua própria definição como “sociedade burocrática de consumo dirigido”, tal definição está pautada em uma categoria principal, o cotidiano.

Tal definição proposta aqui para ‘nossa’ sociedade. Marcam-se assim tanto o caráter racional dessa sociedade, como também os limites dessa racionalidade (burocrática), o objeto que ela organiza (o consumo no lugar da produção) e o plano para o qual dirige seu esforço, afim de se sentar: sobre o cotidiano.(LEFEBVRE 1991, p. 68).

Nessa perspectiva o cotidiano deve ser visto como uma base, onde essa sociedade se estrutura, se organiza e é direcionada a produzir e consumir, essa proposta é marcada por limitações principalmente pela voracidade que o consumo se apresenta nos dias atuais. Isso gera o desejo de obter cada vez mais coisas, objetos, signos, símbolos, rótulos que caracterizam o consumo, porém geram também insatisfações e conflitos, que podem ser entendidos como fundamentos da violência.

Segundo o autor o cotidiano não deve ser compreendido com um sistema único, ele é formado por um conjunto de sistemas ou subsistemas, logo ele destaca alguns subsistemas presentes no cotidiano como a moda, a cozinha, o automóvel e ainda sugere outros, a sexualidade, o erotismo e o turismo. Portanto não seria viável também analisar a violência presente no cotidiano como um subsistema? Ou melhor, a espetacularização dessa violência como subsistema?

Para buscar o entendimento da espetacularização da violência como um subsistema, é preciso primeiro esclarecer o que se entende por violência. Depois como ela se torna uma mercadoria e é apresentada como um espetáculo no cotidiano. Em seguida discutir se esse processo pode ser considerado um subsistema, estruturado dentro das condições apresentadas e discutidas por Lefebvre, (1991).

Os objetivos são: compreender a espetacularização da violência como um subsistema dentro da sociedade burocrática do consumo dirigido; entender a violência como mercadoria e apresentar as condições necessárias para se estabelecer a espetacularização como um subsistema.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O texto é uma discussão teórica acerca do tema proposto, sua base de discussão está pautada principalmente nas ideias discutidas nas obras de Henry Lefebvre (1991) e Guy Debord (2003), além de outros textos coletados em periódicos. Os procedimentos foram: um levantamento bibliográfico, em livros e periódicos; leitura e aprofundamento das discussões dentro de uma abordagem crítica social.

## COTIDIANO E VIOLÊNCIA

Antes de tratar a espetacularização da violência como um subsistema, é preciso discutir o conceito de cotidiano e violência. Primeiro estabelecer os elementos que compõe o conceito de cotidiano. Em seguida trabalhar o conceito de violência, destacando sua relevância dentro do cotidiano. A análise e discussão do primeiro termo serão pautadas nas ideias de Lefebvre (1991), a princípio ele nos traz a seguinte definição:

Em sua trivialidade, o cotidiano se compõe de repetições: gestos no trabalho e fora do trabalho, movimentos mecânicos (das mãos e do corpo, assim como de peças e de dispositivos, rotação, vaivéns), horas dias, semanas, meses e anos; repetições lineares e repetições cíclicas tempo da natureza e tempo da racionalidade etc. (LEFEBVRE 1991, p.24).

Nessa definição são destacados os elementos mais perceptíveis do cotidiano, as repetições e a mecanização, elementos que de forma aparente exemplificam o cotidiano a partir do trabalho e do lazer. Porém como ele próprio especifica isso é o trivial, ou seja, o que todos veem e percebem no cotidiano, então é necessário examinar os elementos não aparentes desse termo. Mas não se deve negar que a trivialidade não seja importante para a compreensão da noção de cotidiano. Contudo é preciso analisar esse conceito de forma mais aprofundada, principalmente quando se pretende analisar a sociedade ou os fenômenos que dela fazem parte. O autor traz outra contribuição sobre o termo:

O cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. E isso sem que o interessado tenha que examinar as articulações dessas partes. É, portanto aquilo que não tem data. É o insignificante (aparentemente); ele ocupa e preocupa e, no entanto não tem necessidade de ser dito, é uma ética subjacente ao emprego do tempo, uma estética de decoração desse tempo empregado. É o que une a modernidade. (LEFEBVRE 1991, p.31).

Aqui se percebe que o cotidiano não deve ser compreendido com uma mera repetição ou mecanização, mas com a possibilidade da aparência modesta revelar significados contidos na sua realidade. Outro ponto é não entender o cotidiano como repetições de datas (dias, meses e anos), o tempo é heraclitiano, se tem a sensação de que os movimentos e ações são iguais, mas é apenas aparência, uma das características do cotidiano.

Os dois fatores destacados revelam que o conceito de cotidiano não deve ser pautado nas aparências ou numa ideia superficial, porém a partir de uma análise aprofundada dos fragmentos (das partes) que compõe o cotidiano, como exemplo o trabalho e o lazer. O cotidiano não é só as repetições mecânicas diárias e nem as repetições cíclicas dia após dia, é, sobretudo o encontro entre o racional e o irracional, entre o que ele é e o que ele aparenta. As realizações triviais escondem a realidade contida por trás das ações individuais e coletivas, essas ações são direcionadas exclusivamente por um elemento determinante da modernidade, o consumo.

Outro ponto são os dois elementos ( ou partes) que compõem o cotidiano. O primeiro é o trabalho, onde se produzem os espaços e os objetos, marcados pelas contradições da relação homem e natureza. O segundo é o lazer, momento em que acontece o

consumo. De acordo com Lefebvre (1991) esses elementos possibilitam o entendimento de que o cotidiano é o palco onde acontece a relação produção (trabalho) e consumo (lazer) e dentro dessa relação surgem diversos fenômenos, exemplo a violência, esta, segundo Lefebvre alimenta o cotidiano da sociedade atual. Mas o que é violência? Quais fatores influenciam na existência da violência numa sociedade?

A princípio é importante ressaltar que a violência não é um fenômeno novo e nem apenas da sociedade moderna, esse fenômeno acompanha a construção da vida coletiva nas diversas sociedades existentes em tempos distintos. Porém a estruturação das ciências modernas e a vida urbana deram ênfase respectivamente ao estudo e a expansão desse fenômeno. O conceito de violência entre teóricos sejam psicólogos ou sociólogos não é tão simples, seja pelos enfoques dados (individual ou social), ou pela sociedade envolvida.

A violência não é um estigma da sociedade contemporânea. Ela acompanha o homem desde tempos imemoriais, mas, a cada tempo, ela se manifesta de formas e em circunstâncias diferentes. Não há quem não identifique uma ação ou situação violenta, porém conceituar violência é muito difícil visto que a ação geradora ou sentimento relativo à violência pode ter significados múltiplos e diferentes dependentes da cultura, momento e condições nas quais elas ocorrem. (LEVISKY 2010, p. 6).

Fica evidente que identificar uma ação violenta é mais fácil do que conceituar o que é violência, mas o autor deixa algumas possibilidades diante desse conceito complexo. Se a violência pode ter significados diferentes segundo a cultura e o tempo, podem ser formulados conceitos de acordo com cada sociedade. Seria preciso então, apenas extrair elementos ou significados que possam embasar um conceito próprio para cada sociedade.

Neste texto estamos trabalhando a ideia de uma sociedade moderna e é dentro dessa linha que iremos procurar o entendimento sobre o que venha ser violência. Lefebvre (1991), não conceituou a violência, mas deixou elementos capazes de nos levar a um entendimento sobre ela. Segundo ele, a sociedade atual é uma sociedade terrorista (repressiva e super-repressiva) caracterizada pela ideologia e pelas opressões, ele destaca que o terror se revela pela persuasão e através de leis e códigos. Dentro desse aspecto a violência é preparada de forma a não ser preciso usá-la, então se estabelece o terror, portanto está estabelecido o que Levisky (2010), aponta como violência estrutural.

A sociedade moderna é fruto da violência estrutural, ou vive por meio dela, isto porque o cotidiano é alicerçado pelo terror. Nesta, a violência está presente a serviço do Estado, está presente em cada indivíduo e também na coletividade.

Numa sociedade terrorista reina um terror difuso. A violência permanece em estado latente. As pressões se exercem de todos os lados sobre os membros dessa sociedade; eles têm uma enorme dificuldade para se desembaraçar delas, para afastar esse peso. Cada um se torna terrorista do outro e seu próprio terrorista; cada um aspira a torna-se terrorista exercendo - nem que seja por um momento - o Poder. (LEFEBVRE 1991, p.158).

Percebe-se que a violência se apresenta de forma oculta, é a violência latente, ou seja, a qualquer momento pode ocorrer ou nunca ocorrer ações violentas propriamente ditas, mas que na verdade cotidianamente ela já ocorre de forma psicológica em cada indivíduo. Assim a violência pode ser entendida como uma estrutura criada e controlada para atuar de forma indireta ou direta coletivamente ou individual através de ideologias, repressões, opressões e omissões. O controle pode ser exercido de uma classe sobre a outra, representado geralmente pelo estado e por alguns agentes sociais (família e religião).

A violência latente ou estrutural é marcada pelo terror e está presente em qualquer sociedade. Martuccelli (1999), afirma que a violência se revela de diferentes formas na vida contemporânea, seja física ou psicológica. Ele destaca essas formas como ações violentas e todas têm por base a violência estrutural, elas advêm principalmente das relações de classes, são as relações de poder que fomentam a violência e cada vez mais surge formas diferenciadas de ações ou omissões violentas. O mesmo enfatiza que o capitalismo é o facilitador e o condutor das diferentes formas de violência moderna.

A sociedade que convive com a violência estrutural é uma “sociedade terrorista”, se nessa mesma sociedade a violência se revela ao extremo com as mais variadas práticas de ações que causam danos físicos, psíquicos e morais, ela também é uma “sociedade aterrorizada”.

Lefebvre (1991) descreve que o sangue e o corpo (humilhado ou mutilado) são as representações mais claras dos tipos de atos violentos que temos geralmente resultante das agressividades ou brutalidades, praticadas por indivíduos e também pela ação ou omissão do Estado. Marca esse aspecto o limite entre a superioridade e a inferioridade. Logo a sociedade moderna é “terrorista” e “aterrorizada”.

Para Freire e Carvalho (2008) a violência é caracterizada pelas relações intersubjetivas e sociais marcadas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror e resultam num ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ ou psíquico contra alguém.

Os autores confirmam a ideia da ocultação ou da latência com as quais a violência está presente na sociedade. Porém apenas os atos violentos são percebidos e combatidos, omitindo-se a estrutura na qual a violência se sustenta.

A violência estrutural é uma das bases da sociedade moderna, Martuccelli (1999), explica que o estado-capitalista alimenta e se utiliza dessa violência para sobreviver. Lefebvre (1991), diz que o cotidiano é alimentado pelo terror (violência latente) e é importante para a classe dominante manter dessa forma o controle sobre a classe dominada. Todos esses elementos apresentados evidenciam que a violência é um dos elementos presentes no cotidiano.

Quando essa violência se revela por meio dos atos, ela expõe os dilemas e as mazelas do cotidiano. E esses atos são combatidos geralmente por meio de políticas públicas e também são os mais explorados pela mídia tanto como mercadoria direta usada pela imprensa, como também na publicidade para vender outras mercadorias, como exemplo o serviço de segurança privado, a proteção ao patrimônio entre outras.

São esses atos violentos, que a imprensa faz uso em forma de “espetáculo” para vender seus exemplares ou noticiários. Mas o que se entende por espetáculo? Debord (2003) esclarece o que é o espetáculo: “É ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade é o seu instrumento de unificação [...], portanto ele não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre as pessoas mediatizadas pelas imagens” (DEBORD 2003, p.14). Logo o espetáculo é inerente à sociedade moderna, onde muitos são espectadores e outros produtores, este possui como base a linguagem, um elemento primordial.

O sistema econômico atual tornou o espetáculo como uma mercadoria, essencial ao processo de alienação à medida que direciona as pessoas tanto a produzir como a consumir o espetáculo. O uso exacerbado de imagens-objetos produz o que Debord (2003) chama de sociedade espetaculista.

Em suma esse consumo de imagens-objetos pode ser entendido como espetacularização, ou seja, imagens-objetos são transformadas em mercadoria espetacular. Atos violentos são transformados em mercadorias espetaculares, e, é esse processo que se pretende analisar como um subsistema dentro da sociedade burocrática de consumo dirigido.

## A VIOLÊNCIA COMO MERCADORIA ESPETACULAR

O cotidiano é marcado pelo consumo de símbolos e códigos. A violência fruto desse cotidiano é um desses símbolos consumidos atualmente, ou seja, a violência a serviço do capital.

Os homens têm no capital seu espelho, e se constroem cotidianamente como sua imagem [...] De modo obrigatório, necessário, o capital predomina sobre as necessidades humanas, fazendo com que a reprodução social dos indivíduos e da totalidade social esteja a serviço dos interesses particulares da burguesia. (Tonet e Lessa *apud* Pereira 2007, p.4).

Podemos extrair dessa ideia, que o homem vive o cotidiano em busca de suprir as necessidades individuais. O mesmo vive o consumo e entre os diversos objetos e símbolos consumidos surge à violência, sendo ela também fruto da luta pela busca de acumulação e apropriação de objetos. Então a violência surge como um desses símbolos também utilizados por interesses dos capitalistas. O avanço das relações capitalistas (produção e consumo) são uma das características da vida urbana ou do cotidiano urbano, é nesse meio que a violência é mais evidente e mais explorada como mercadoria.

De acordo com Marx (1980) *apud* Gonçalves Junior (2010), a mercadoria se configura pelo valor da troca e também pelo valor do uso, ou seja, uma relação entre o valor da produção e da apropriação da mercadoria. Para Debord (2003), o espetáculo torna o valor do uso da mercadoria numa espécie de satisfação, ou uma realização pelo fato de obter para si algo, uma sensação apenas aparente, característica do processo de espetacularização.

Os atos violentos presentes nas manchetes de jornais impressos ou televisivos, nos temas centrais de programas de televisão e também nas páginas da internet, transforma o cidadão comum em consumidor (leitor ou telespectador) com a sensação de estar bem informado, além da sensação diária de ainda permanecer vivo diante da tanta violência, há uma espécie de valor simbólico. Edgar Morin (1984) *apud* Lemos (S.d.), diz que a exposição da violência promovida pelo jornalismo incita a violência presente no ser humano: É como se o leitor pensasse ao ler as histórias escabrosas, que as vítimas morreram em seu lugar.

É necessário ressaltar a importância dos elementos que compõem a mercadoria. Natalino (2006) esclarece que o jornal possui a capacidade de moldar a notícia dentro dos elementos mercadológicos, portanto a notícia deve ser produzida para ser vendida. Não se vende o jornal em si, mas a notícia que ele apresenta, ou seja, o fato, a narrativa, a imagem e o fenômeno ocorrido. Assim jornais ou programas de televisão irão moldar tais fenômenos em um formato capaz de atrair consumidores, pois esta é uma das características mercadológicas.

Para Lefebvre (1991), no cotidiano a imprensa é imprescindível ao consumo dirigido, pois ela é o meio pelo qual a sociedade se vê informada; sabemos que a imprensa se apresenta hoje tanto nos meios de comunicação redigidos (jornais e revistas) como nos audiovisuais (televisão e internet). Existe uma parcela significativa da imprensa que se diz “especializada em violência”.

Esta parcela possui uma linguagem adequada, um discurso baseado num conjunto de valores (sociais, históricos, locais e religiosos), se utiliza das insatisfações e das satisfações, dos interesses sociais antagônicos, tudo com intuito de transformar atos violentos do cotidiano (geralmente tipificados como crimes) em um algo espetacular, portanto, a violência deixa de ser um objeto apenas com o objetivo de controlar e passa a ser objeto do capital, em suma a violência torna-se mercadoria.

A violência é uma mercadoria rentável para os meios de comunicação, Lefebvre (1991), esclarece que um dos elementos do cotidiano é o lazer, ele destaca o lazer integrado, sendo um tipo de lazer mais evidente ou concreto, pois ele é realizado através da televisão e das leituras de jornais, ferramentas que veiculam os atos violentos. A televisão é um objeto comum nas residências modernas, fazendo com que a sociedade cotidianamente consuma a violência por desse tipo de lazer.

As manchetes e os programas revelam o cotidiano através de uma linguagem diferente e com elementos novos, segundo Ferreira e Penna (2005) é a oportunidade de locais ou indivíduos aparecerem nas manchetes. Também é o momento que os locais conhecidos como territórios da violência, afirmam sua fama ou perdem o lugar, numa lista geralmente pautada pelos índices de atos violentos. Esses enfoques prendem os telespectadores horas e horas frente à televisão ou tomam minutos diante da leitura de um jornal.

As pessoas geralmente transformadas em clientes (leitores ou telespectadores) ficam diante dos fatos expostos, esperando o desfecho, buscam saber quem são os envolvidos. A cada tiragem de jornal ou a cada programa, os atos violentos geralmente são os mesmos (assaltos, homicídios, estupros, agressão física, maus tratos, acidentes de trânsito, entre outros), embora as personagens envolvidas sejam

outras, principalmente as vítimas. Quantas pessoas ficam diante da televisão, vendo a transmissão ao vivo de um sequestro ou de uma perseguição policial? Os apresentadores auxiliados por diversos especialistas vão criando cenários e possibilidades de um desfecho, tornando aquele evento num espetáculo.

O espetáculo transforma cidades, bairros, ruas, condomínios, casas e praças, locais em muitos casos desconhecidos ou usados para fins diferentes em pontos de referências ligados à violência. A imprensa juntamente com as instituições ligadas ao Estado buscam “eternizar” o evento e o local, exemplos: a chacina da Candelária na cidade do Rio de Janeiro, em 1993; o massacre do Carandiru em São Paulo no ano de 1992. Estes locais ficaram marcados para sempre na memória. O espetáculo é tamanho que muitos desses eventos são tomados pelo cinema, tornam-se filmes ou documentários formando um processo de espetáculo contínuo e mais lucrativo.

Esse espetáculo faz parte do lazer, caracterizado pelo consumo, pessoas estabelecem ou programam seu tempo fora do trabalho principalmente para ver programas de televisão, onde a violência é a temática principal. Elas esperam ansiosas para comprar os jornais especializados em apresentar os atos violentos, esses atos se transformam em objetos e símbolos, tanto para a imprensa que vende como para quem compra e consome. Toda a estrutura e a dinâmica, presente no consumo da violência fortalece a definição de que a violência é uma mercadoria espetacular.

## **A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA COMO UM SUBSISTEMA**

A violência como espetáculo não é algo novo. Foucault (1987) relata que, o espetáculo através da exposição dos corpos humilhados ou mutilados em praça pública, expressa acima de tudo uma espécie de controle social. Esses atos também transformavam uma execução em algo espetacular, porém apenas para aquele grupo social local.

Segundo Debord (2003) o processo capitalista, transformou o espetáculo em espetacularização. A divulgação da violência por meio da imprensa, iniciada pela imprensa escrita e expandida pela imprensa televisada e pelo surgimento da internet, retirou o espetáculo de evento local (apenas de uma praça ou uma cidade) e o expandiu para além das fronteiras físicas colocando-o em escalas regional e até global, além de introduzi-lo no cotidiano como uma mercadoria. Esse processo deve ser compreendido como espetacularização da violência.

Ao analisar a espetacularização da violência como um subsistema dentro da sociedade burocrática do consumo, deve-se usar a proposta de Lefebvre (1991), onde ele destaca que um subsistema se constitui de elementos que não fazem parte apenas de um determinado local, mas de uma maior abrangência e que de certa forma hierarquiza os locais por eles envolvidos.

Esse subsistema deve possuir objetos que façam parte de uma atividade social, formalizada, especializada e específica. Também é necessário possuir instituições

organizadas em nível de estado ou ligadas a ele, que possam operar em cima desses objetos ou da atividade social. Precisa possuir também, textos, códigos, tratados, imagens que possam garantir a organização, a influência e a autoridade das instituições envolvidas. Para o autor essas são condições necessárias para se estabelecer um subsistema.

O objeto da espetacularização é a notícia espetacular. Ela surge de um fato, este a princípio é fruto das relações sociais do cotidiano e a imprensa o transforma em notícia, a imprensa não cumpre seu papel fundamental: “A imprensa deveria ser o cão de guarda do povo e a denunciante dos seus dirigentes” (MARX 1980 *apud* GONÇALVES JUNIOR 2010, p. 9).

Hoje a imprensa está mais voltada para evidenciar fatos que realmente garantam lucro. Isso porque a notícia sendo mercadoria precisa acima de tudo do valor de troca, então se essa notícia se transforma em espetáculo provavelmente garante um lucro maior para os meios que a utilizam.

Para tanto a notícia deve ser tocante, chamativa, causar a sensação ainda que aparente, ou seja, ter o valor do uso. A notícia espetacular é sem dúvida uma mercadoria espetacular.

Quanto às instituições envolvidas, a principal é a imprensa, seja escrita ou televisada. As instituições em nível de governo também são envolvidas nesse processo, à medida que fornecem dados estatísticos que fomentam as notícias publicadas ou apresentadas. Também existem aquelas que fornecem agentes especializados para comentar os fatos apresentados nas notícias e nos programas.

A imprensa hierarquiza a notícia, ou seja, existem as mais relevantes, aquelas que causaram mais impactos. Essa hierarquização também está presente nos meios (jornais ou programas), existem os mais notórios, ou melhor, os mais “especializados”, estes são renomados e possuem altos índices de vendas ou de audiência.

Finalizando temos os códigos, os manuscritos e as imagens. Para que haja a espetacularização a imagem é extremamente importante, não há notícia espetacular sem uma imagem ou um símbolo que a referencie. Os leitores e telespectadores querem ver, querem se possível comprovar quem são os envolvidos e onde aconteceu o fato. O uso da imagem é tão forte, que às vezes as manchas de sangue, as marcas de tiros, os destroços de veículos e a angústia dos parentes substituem em muitos casos os corpos, estes tão venerados pelos leitores e espectadores.

As imagens utilizadas para causar a sensação ao espectador é um código essencial para definir a espetacularização. A banalização dos eventos violentos, através das fotografias e vídeos veiculados pela imprensa, torna-se a forma pela qual o cidadão comum do cotidiano se vê como um consumidor importante. Esse processo revela apenas a aparência da violência cotidiana, mascarando toda a estrutura que existe e sustenta a violência, ou seja, o processo de alienação perante o fenômeno.

A existência das instituições, dos códigos e do objeto, além de toda uma estrutura que usam os atos violentos do cotidiano, direcionando-os ao processo do consumo espetacular, estabelecem que, há uma espetacularização. Esse processo faz parte do

cotidiano moderno, portanto essa espetacularização consiste em dos subsistemas presente na sociedade burocrática do consumo dirigido, definida por Lefebvre (1991).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo revelou aspectos que comprovam a espetacularização da violência como um dos subsistemas presente no cotidiano. Algumas constatações são significativas para comprovar essa afirmação.

A violência estrutural é a base que fomenta os atos violentos presentes no cotidiano. Somente uma análise reflexiva poderá revelar que o trabalho e o consumo, partes essenciais do cotidiano, estão ligados à estrutura da violência. Os atos violentos presentes no cotidiano tornaram-se dentro do consumo do espetáculo, uma mercadoria espetacular, ou seja, a violência a serviço do capital.

O espetáculo do consumo reduz o cotidiano num campo de batalha, na busca incessante de aquisição de objetos e signos produzindo a espetacularização, entre esses objetos estão os atos violentos transformados em mercadorias. Nessa lógica, a mercadoria espetacular torna-se notícia espetacular nas mãos de instituições que gerenciam todo esse processo, caracterizando a espetacularização da violência e formando um dos tantos subsistemas que integram o cotidiano da sociedade burocrática de consumo dirigido.

É importante ressaltar que o trabalho apresentado não esgota a discussão sobre o tema proposto. É necessário ampliar a discussão principalmente sobre os subsistemas, e com um olhar mais apurado e especulativo se consegue encontrar tantos outros subsistemas presentes no cotidiano. O texto apontou o quanto se faz necessário avançar ainda mais nos estudos sobre a vida cotidiana, para entender o trabalho, o lazer e a espetacularização da violência, contribuindo assim com os estudos sobre a formação do espaço no cotidiano dos lugares.

## REFERÊNCIAS

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Rairton Sousa Guedes. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003.

FERREIRA, I. C. B; PENNA, N. A. **Território da violência: um olhar geográfico sobre a violência urbana**. São Paulo. GEOUSP - Espaço e Tempo, n. 18, p. 155-168, 2005.

Disponível em:

<http://citrus.uspnet.usp.br/geousp/ojs-2.2.4/index.php/geousp/article/view/371/201>

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987

FREIRE, S. M; CARVALHO, A. S. **Midiatização da violência: os labirintos da construção do consenso**. Porto Alegre. Revista Textos & Contextos, v. 7 n. 1 p. 151-164. jan./jun. 2008.

Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/viewFile/3944/3208>

GONÇALVES JUNIOR, J. **Mídia e Violência: a imprensa sensacionalista atuando como amplificadora do medo**. Monografia apresentada no Curso de Especialização em Sociologia Política – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Paraná - UFPR. Curitiba, 2010.

Disponível em:

<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/33140/JAYME%20GONCALVES%20JUNIOR.pdf%3bsequence=1>

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEMONS, C. R. F. **Narrar a violência — A cobertura policial num jornal popular dos anos 1990**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande. [ S.d.]

LEVISKY, D. L. Uma Gota de esperança. In: ALMEIDA. M.G. ( org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARTUCCELLI, D. **Reflexões sobre a violência na condição moderna**. São Paulo. Tempo Social, Revista Sociológica da USP, n. 1 v. p.157-175, maio, 1999.

Disponível em: <http://www.nevusp.org/downloads/down026.pdf>

NATALINO, M. A. C. **O discurso do telejornalismo como referência: criminalidade, violência e controle punitivo**. Dissertação apresentada no programa

COTIDIANO E VIOLÊNCIA: A ESPETACULARIZAÇÃO  
DA VIOLÊNCIA COMO SUBSISTEMA NA  
SOCIEDADE DE CONSUMO DIRIGIDO.



de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Porto Alegre, 2006.

Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10258/000595623.pdf?sequence=1>

PEREIRA, J. P. **Direitos Humanos, criminalidade e capitalismo: uma estreita  
relação.** Maringá. Revista Urutáguia, n. 12 abr/mai/jun/jul. 2007

Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/012/12pereira.pdf>

*Submetido em: 21/08/2017*

*Aceito para publicação em: 13/03/2018*